

Entre o follow e os likes: governamentalidade e modos de subjetivação do sujeito em sites de redes sociais

Between the follow and the likes: governmentality and subjectivation modes of the
subject on social network sites

Luan Alves Monteiro Carlos

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar como é desempenhado um governo de si e dos outros nos *sites* de redes sociais (RS), bem como perceber como o sujeito se subjetiva nas RS. Para tanto, nos fundamentou as noções foucaultianas de governamentalidade e subjetividade. De acordo com as nossas análises, entendemos que, as RS desempenham um governo dos outros ao incitar uma busca por popularidade, conduzindo o sujeito a se adequar a um padrão de compartilhamentos. Partindo disso, o sujeito desenvolve práticas de si, passando a ocupar o lugar do vencedor, aquele que possui uma vida bem sucedida e feliz.

Palavras-chave: Discurso; Governamentalidade; Subjetividade; Redes sociais

Abstract: The objective of this article is to analyze how a government of itself and others is performed on social networking sites, as well as perceiving how the subject is subjective in social networking sites. To this end, it grounded us the notions foucaultianas of governmentality and subjectivity. According to our analysis, we understand that, social networks play a government over others by inciting a search for popularity, leading the subject to adapt to a pattern of sharing. Starting from that, the subject develops self-practices, starting to take the place of the winner, one who has a successful and happy life.

Keywords: Discourse; Governmentality; Subjectivity; Social networks

Introdução

Quando se viu pela primeira vez
 Na tela escura de seu celular
 Saiu de cena pra poder entrar
 E aliviar a sua timidez
 Vestiu um ego que não satisfez
 Dramatizou o vil da rotina
 Como fosse dádiva divina
 Queria só um pouco de atenção
 Mas encontrou a própria solidão
 Ela era só uma menina

(Tiago Iorc)

A *internet* está cada vez mais ganhando protagonismo na sociedade contemporânea, boa parte da população se utiliza do ambiente virtual para fazer diversas atividades do seu cotidiano. Nesse sentido, os *sites* de redes sociais (RS), assim como a *internet*, têm ganhado muito espaço na vida de alguns sujeitos, que passam a interagir por meio dessas plataformas digitais. Essas interações virtuais vêm ganhando força com o passar dos anos, pois as ferramentas de comunicação se modificam e evoluem ao possibilitar uma comunicação mais eficaz e diferenciada, com diversos recursos que permitem que as interações pela *internet* sejam práticas e também prazerosas. Isso porque oferecem recursos que servem para resolver questões profissionais ou relacionada aos estudos (como, o envio de *e-mail*), bem como oferecem ferramentas para o desenvolvimento de atividades de entretenimento (compartilhamento de fotos, por exemplo).

Fato é que a primeira geração da *web*, a *web 1.0*, começou ofertando poucos recursos para os usuários. De acordo com Santos e Nicolau (2012), esse primeiro momento funcionava por meio da busca por informações que estavam disponíveis no virtual e o acesso a hiperlinks, tendo como única ferramenta de interação o *e-mail*. No entanto, com a chegada da *web 2.0*, os usuários passam a ter diversas possibilidades de interação. Para Lemos e Lévy (2010, p. 52): “Enquanto na sua primeira fase a *web* é predominantemente para leitura de informações, esta segunda fase cria possibilidade de escrita coletiva, de aprendizagem e de colaboração na e em rede.” Como podemos observar, a *web* começou promovendo trocas de mensagens simples e aos poucos foi agregando novos recursos, e nos dias atuais, a *web* promove interações mais complexas, em que os sujeitos passam a dá muita visibilidade para sua vida e, com isso, passam a ser seguido, curtido, compartilhado e cancelado.

Para perceber o avanço das interações que são travadas na *internet* basta olharmos para algumas mídias digitais que surgiram ao longo do tempo, que promovem desde uma interação simples por troca de mensagens, como acontece no *e-mail*, sendo essa uma plataforma digital usada até os dias atuais. Passando por *sites* que não existem mais como MSN e Orkut, que possibilitavam interações mais avançadas por meio de ferramentas como bate papo, que é uma troca de mensagens em tempo real, o Orkut promovia também trocas de mensagens entre os usuários que

podiam ficar visíveis no perfil (*scraps*¹ e depoimentos²), além da participação em comunidades³ e o compartilhamento de fotos. Até o Facebook e Instagram, sendo essas as principais RS da contemporaneidade, são aplicativos que possibilitam interações mais complexas, permitindo a troca de mensagens em tempo real, o compartilhamento de fotos e vídeos, publicação de *story* (conteúdo que é disponibilizado pelo período de um dia), e a transmissão ao vivo, também conhecida como *live*, permitindo que o sujeito apareça em tempo real por meio de vídeo e transmita conteúdo para seus amigos/seguidores, além do *igtv*⁴ e o *reels*⁵.

Dessa forma, ao se tornar um sujeito participativo na *internet*, os usuários passam a mostrar particularidades de sua vida nas interações virtuais, seja expondo suas ideias, falando sobre seu trabalho, compartilhando momentos de seu cotidiano, ou até mesmo os melhores momentos de uma viagem. Nas RS existe uma necessidade de exibição de si, ou seja, o sujeito busca muitas vezes se colocar em evidência, para isso discursiviza sua própria vida em redes como o Facebook e Instagram. Nesse sentido, Sibilía (2008) aponta para uma “redefinição do eu” que irrompe na metade do século passado, a autora pontua que: “O novo rebento se caracteriza por ser, acima de tudo, uma subjetividade que procura ser amada e desejada, que busca desesperadamente a aprovação alheia e, para obtê-la, tenta tecer contatos e relações íntimas com os outros (SIBILIA, 2008, p. 244).” Esses modos de subjetivação apontados pela autora supracitada ganham força nas interações virtuais, pois muitos dos sujeitos contemporâneos buscam nas RS um *feedback* positivo.

Sibilía (2008) sublinha ainda que, os usuários da *web 2.0* buscam uma audiência para o seu eu. Em outras palavras, ao disponibilizar conteúdos sobre sua vida, o sujeito busca dar visibilidade para suas questões diárias, para isso, na maioria das vezes, produz sua subjetividade conforme o que é popular nas RS, para, assim, chamar a atenção do público. Para Sibilía (2008, p. 244): “À sedução desse público, dedicam-se todos os dias com seus relatos, fotos e vídeos de tom intimista e cotidiano, nos quais o protagonista exclusivo é sempre o mesmo: eu. Um sujeito que é, simultaneamente, autor, narrador e personagem ‘principalíssimo’ [...]”. Dessa forma, nas RS, o sujeito discursiviza uma vida escrita e encenada por ele mesmo, fazendo uma auto-exibição em troca de popularidade e reconhecimento *on-line*.

Desse modo, é essa forma de interação que acontece na contemporaneidade por meio de RS como o Facebook e Instagram que nos interessa nesse artigo. Trata-se de interações que deixam a vida dos usuários cada vez mais exposta no virtual, assim, lançamos luz sobre esse comparti-

1 “Os usuários do Orkut tinham um mural de ‘scraps’ (ou ‘recados’, em português), que ao contrário das mensagens privadas eram dedicados a textos mais rápidos. Era possível tornar os scraps públicos, para que qualquer pessoa visualizasse, ou configurá-los para que somente o dono da conta tivesse acesso”. Informação disponível em: <<https://www.techtudo.com.br/listas/2018/01/dez-coisas-que-todo-mundo-usava-no-orkut.ghhtml>>. Acesso em: 25 jun. 2020.

2 “Os depoimentos públicos, por sua vez, também trazem lembranças divertidas, como a famosa briga pelo ‘topo’, em que amigos disputavam para ver quem permanecia mais tempo na posição de última pessoa a enviar um depoimento em determinado perfil”. Informação disponível em: <<https://www.techtudo.com.br/listas/2018/01/dez-coisas-que-todo-mundo-usava-no-orkut.ghhtml>>. Acesso em: 25 jun. 2020.

3 “As mais de 50 milhões de comunidades do Orkut eram um ambiente para fazer novos amigos e encontrar pessoas com os mesmos interesses. Algumas delas eram praticamente obrigatórias. Quase todo mundo era membro de grupos como ‘Eu amo a minha mãe’, ‘Eu odeio acordar cedo’ e ‘Eu amo chocolate’. Os usuários de ego mais inflado também aderiam a páginas como ‘Sou legal, não tô te dando mole’ e ‘Deus me disse: desce e arrasa’”. Informação disponível em: <<https://www.techtudo.com.br/listas/2018/01/dez-coisas-que-todo-mundo-usava-no-orkut.ghhtml>>. Acesso em: 25 jun. 2020.

4 “Diferente da proposta dos Instagram Stories, por exemplo, o Instagram TV pode conter vídeos longos de até 60 minutos”. Informação disponível em: <<https://rockcontent.com/blog/igtv/>>. Acesso em: 07 jul. 2020.

5 “Com o Reels, as pessoas podem gravar e editar vídeos de 15 segundos com múltiplos cortes, incluindo áudio, efeitos e novos recursos criativos. Além do Stories, é possível compartilhar seus reels com amigos e seguidores no Feed e, se tiver uma conta pública, diretamente no Explorar, assim ele poderá ser visto por uma audiência ainda maior”. Informação disponível em: <<https://blogs.ne10.uol.com.br/mundobit/2020/06/25/instagram-lanca-novo-recurso-reels-para-rivalizar-com-o-tiktok/>>. Acesso em: 07 jul. 2020.

lhamento da vida cotidiana que acontece nas RS. Posto isto, as RS funcionam como um palco, daí muitos sujeitos passam a buscar popularidade no ambiente virtual, passando a desenvolver práticas de si para atingir visibilidade. Sendo assim, seguindo os passos de Foucault (2009, p. 231) que busca com seus estudos “[...] criar uma história dos diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os seres humanos tornaram-se sujeitos”, buscamos responder nesse artigo: Como o sujeito se constitui em *sites* de redes sociais?

Nesse sentido, o objetivo deste artigo é analisar a discursivização da vida do sujeito nas RS, buscando perceber como é desempenhado um governo de si e dos outros, bem como compreender o processo de subjetivação do sujeito nas RS. Este artigo se alicerça na Análise do Discurso de tradição francesa, mais especificamente a partir dos conceitos do Michel Foucault. Dessa forma, nos norteou as noções foucaultianas de governamentalidade e subjetividade. No que se refere ao procedimento metodológico, adotamos um viés descritivo-interpretativo, isso pela necessidade de descrever os enunciados selecionados, bem como interpretar os efeitos de sentido, adotamos também uma abordagem qualitativa.

Nosso *corpus* é composto por duas materialidades que discursivizam a exposição da vida nas RS, a saber: i) uma capa da revista *Mundo Estranho*, e ii) um documentário intitulado *What's on your mind?*⁶ A escolha desses enunciados se justifica, pois fazem parte de uma mesma regularidade discursiva, mostrando a busca por popularidade nas RS, deixando ver como funciona o discurso da felicidade nas RS. Dessa forma, os enunciados selecionados nos possibilitam compreender essa construção discursiva.

Refletindo acerca da genealogia do sujeito em Foucault

*Abrir os olhos não lhe satisfez
Entrou no escuro de seu celular
Correu pro espelho pra se maquiar
Pintou de dor a sua palidez
E confiou sua primeira vez
No rastro de um pai que não via
Nem a própria mãe compreendia
No passatempo de prazeres vão
Viu toda a graça escapar das mãos
E voltou pra casa tão vazia*

(Tiago Iorc)

Podemos afirmar que a analítica da subjetividade proposta por Foucault (2006a) gira em torno de dois eixos principais, que são: o sujeito e a verdade, sendo que o conhecimento de si possibilita que o sujeito tenha acesso a sua verdade, para que, dessa forma, possa desempenhar um *cuidado de si mesmo*. Nesse sentido, o sujeito precisa conhecer-se para que possa governar a si e aos outros, sendo esse retorno a si a essência do processo de subjetivação do sujeito, conforme o filósofo sublinha: “[...] é preciso que te ocupes contigo mesmo, que não te esqueças de ti mes-

6 O título do documentário faz referência a pergunta que alguns *sites* de redes sociais fazem aos seus usuários: Em que você está pensando?

mo, que tenhas cuidados contigo mesmo. E neste âmbito, como que no limite deste cuidado, que aparece e se formula a regra ‘conhece-te a ti mesmo’” (FOUCAULT, 2006a, p. 7).

Em *A hermenêutica do sujeito*, Foucault (2006a) retoma questões que permeavam o pensamento ocidental para elucidar como se dá a relação do sujeito consigo mesmo, trazendo à baila algumas noções que são fundamentais para compreender o processo de subjetivação do sujeito, a saber: *Gnôthi seautón* (*Conhece-te a ti mesmo*), de acordo com o filósofo essa inscrição refere-se ao auto-conhecimento do sujeito, daí o início da relação do sujeito com a sua verdade. Para elucidar esse preceito, Foucault (2006a) retoma o pensamento de Roscher que o via como um exame de si. Traz também a compreensão de Defradas que analisou o preceito como um alerta para que o sujeito esteja atento a quem és, para que se lembre que é um mortal com todas suas fragilidades e não um Deus. Portanto, as interpretações sobre este preceito estão sempre voltadas para o olhar do sujeito sobre si mesmo, sobre suas ações e verdades.

Paralelamente Foucault (2006a) reflete sobre a noção grega *epiméleia heautoú* (*o cuidado de si*), que trata da preocupação do sujeito consigo mesmo. Para esclarecer como funciona esse pensamento, Foucault (2006a) lança luz sobre três pontos em que esse princípio se apoia: i) trata-se da forma do sujeito relacionar-se consigo, com os outros e com o mundo; ii) refere-se também ao olhar do sujeito sobre si, isso leva a um cuidado de si, o que acarreta uma determinada atenção aos pensamentos; iii) são ações do sujeito sobre si próprio, as quais levam a modificações e à purificação. Observando as noções que foram brevemente esmiuçadas podemos compreender como o ser se constitui como sujeito, noutros termos, ao perceber quem é, o sujeito passa a se conhecer e agir sobre a sua própria conduta ao desempenhar práticas de si, produzindo, assim, modos de subjetivação.

Foucault (2009c) reflete sobre a diferença entre o ser humano, que é dotado de uma capacidade de preocupar-se consigo mesmo, e os animais, que encontram pronto na natureza os meios necessários para sua sobrevivência, sem a necessidade de ocupar-se consigo. Dessa forma, o ser humano foi constituído para ser capaz de desempenhar um cuidado de si, sendo este um ser racional que pode ocupar-se de si, executando um olhar para si, uma compreensão de si que culminará em um cuidado de si. Para Foucault (2009c, p.55): “É preciso compreender que essa aplicação a si não requer simplesmente uma atitude geral, uma atenção difusa. O termo *epimeleia* não designa simplesmente uma preocupação, mas todo um conjunto de ocupações [...]”. De acordo com o autor supracitado, trata-se de um cuidado de si, desde a ocupação com sua própria casa, até a ocupação do príncipe para com seus súditos, ou até mesmo uma reflexão sobre o que se fez durante o dia, isso permitirá o sujeito olhar para si, e é nesse retorno a si que possibilita que o sujeito desempenhe um cuidado de si e dos outros.

Partindo das reflexões foucaultianas, Rose (2011) sinaliza para uma genealogia da subjetivação. Sobre essa questão, Rose (2011, p. 42) esclarece que: “Seu campo de investigação inclui o tipo de atenção que os humanos têm direcionado a si mesmos e aos outros em diferentes lugares, espaços e épocas [...] é uma genealogia da ‘relação do ser consigo mesmo’ e das formas técnicas que ela tem assumido.” Trata-se de um estudo das práticas de si que intervêm sobre as ações, pensamentos e atitudes do sujeito. Dessa forma, o interesse da genealogia da subjetivação recai sobre o cuidado de si e dos outros.

Essa produção do sujeito é permeada por saberes e poderes que possibilitam que o sujeito se constitua de determinada forma e não de outra. Ou seja, os saberes e poderes que se encontram dispostos na sociedade agem sobre o sujeito por meio de uma governamentalidade. Nesse sentido, os saberes oriundos da medicina, por exemplo, apresentam formas de se viver, visando que se tenha sujeitos saudáveis. Por outro lado, os poderes atuam para governar os sujeitos, fazendo-os, por exemplo, aderir a certos comportamentos que são considerados bons e que são recomendados por instâncias superiores como a medicina. Dessa forma, ao se apropriar de determinadas formas de se viver ocorre o processo de subjetivação, por meio de um governo de si, que possibilita que ao longo da vida o sujeito busque desenvolver determinados hábitos e não outros. Esses processos de subjetivação permitem que se tenha um cuidado de si.

Os saberes vigentes na nossa sociedade, bem como o exercício do poder possibilitam que as condutas dos sujeitos sejam governadas, permitindo, com isso, que se desenvolva um governo de si. Observemos o que Prado Filho (2018, p. 99) pontua: “A medicalização contemporânea da vida, a vigilância médica e os cuidados médicos consigo mesmo são exemplos destes modos de subjetivação aos quais estamos sujeitos, ou dos quais somos sujeitos.” Portanto, estamos expostos a saberes e poderes que visam normalizar hábitos e orientar os sujeitos de como agir. Essa condução da maneira de ser do sujeito é feito por meio de uma disciplina dos corpos, para, assim, ter sujeitos dóceis, os quais passam a ser produzidos. Sobre essa produção de nós mesmos, Prado Filho (2018) aponta determinados cuidados com o corpo:

Temos hoje a nosso dispor toda uma tecnologia de trabalho e produção de corpos em academias, envolvendo disciplinas corporais: produção de potência física, de músculos, de agilidade, destrezas e também saúde – aspectos funcionais – mas, ainda, estéticos, produzindo beleza e constituindo certa “corpolatria”, um exacerbado culto ao corpo (PRADO FILHO, 2018, p. 99).

Estes cuidados de si visam tanto ao saudável quanto ao belo, pois produzem corpos fortes, bem alimentados, com uma dieta regrada. São corpos que vivem em constante atividade para não correr o risco de serem sedentários, ou seja, são sujeitos que buscam a saúde por meio dos exercícios praticados em academias. Por outro lado, são cuidados que visam uma boa estética, na busca por formas perfeitas – isso conforme os padrões que circulam socialmente –, assim, os sujeitos desempenham repetidamente séries de exercícios para entrar num padrão de saúde e de beleza, conforme são apresentados pelos saberes, fazendo valer os hábitos que os poderes orientam como adequados. Dessa forma, a partir desse trabalho sobre si o sujeito produz sua subjetividade na medida que vai se adequando a determinadas formas de se viver e rejeita outras.

Esse cuidado com o corpo que perdura nos dias atuais, já existia desde a Grécia Antiga, partindo dos conhecimentos da medicina existia uma regulação da vida, que visava a saúde do sujeito. Assim, antigamente a preocupação que recaia sobre os corpos dos sujeitos buscava um corpo saudável. Sobre esse cuidado de si, Fonseca – Silva (2007, p. 71) ressalta que: “O regime era uma prática de si que se estendia à alimentação, à bebida, ao sono, às relações sexuais, aos

exercícios, nos quais interessava intensidade, medida e natureza, variando conforme o local, duração e temperatura.” Ou seja, existe um governo de si e dos outros que regula toda a vida do sujeito, desde a alimentação até a prática de exercícios, todo esse processo de governo culmina na subjetivação do sujeito, na produção de nós mesmos.

Essa questão de ocupar-se consigo mesmo está diretamente atrelada à noção de governo, em outras palavras, existe um governo de si e dos outros, que funciona para conduzir as condutas. O governo, segundo Foucault (2017c), existe desde a Idade Média, que funcionava como *conselho ao príncipe*, orientando o seu comportamento para que o mesmo pudesse exercer seu poder e ser respeitado. Esse governo também possuía um interesse religioso, ao fazer que se cumprisse a lei de Deus. Posteriormente, essa forma de governo vai se modificando, passando para uma forma que a literatura foucaultiana chama de *arte de governar*. Daí no século XVI o governo surge diante de novas questões; segundo Foucault (2017c, pp. 407-408), a atenção recai sobre: “[...] problema do governo de si mesmo [...] governo das almas e das condutas, tema da pastoral católica e protestante; problema do governo das crianças [...] enfim problema do governo dos Estados pelos príncipes.” Dessa forma, é problematizado como se deve governar os outros, ou a si mesmo, sendo que para ser um bom governante dos outros deve-se primeiro ser um bom governante de si mesmo.

Foucault (2017c) elenca três tipos de governo, sendo eles: o governo de si, que está voltado para a moral do sujeito; o familiar, que se refere ao cuidado de sua própria casa; por fim, o governo do Estado, que está ligado à condução política dos interesses da nação. Dito isso, olhemos para a forma como a *arte de governar* funciona e veremos que mantém uma continuidade entre as tipologias de governo anteriormente descritas que acontece de modo ascendente – para ser capaz de governar o Estado, o sujeito deve ter demonstrado uma boa capacidade de governar a si mesmo, bem como a sua família e seus recursos –, e descendente – ao se ter um bom governo do Estado, conseqüentemente as famílias irão ser bem governadas, os recursos financeiros serão bem administrados e o sujeito desempenhará um cuidado de si adequado. Posteriormente, surge o problema da população, em que a preocupação do governo volta-se para questões como natalidade, mortalidade, doenças e o combate das mesmas, ou seja, a preocupação agora é com questões da população, sendo assim, a família passa para um segundo plano, sendo esta um segmento da população. Nesse entendimento, o objetivo final do governo é a população, sobre a qual se busca conduzir os hábitos para que se tenham mais riquezas e sujeitos saudáveis.

Nesse sentido, Foucault (2017c) aponta para uma governamentalidade, entendida como a forma por meio da qual o poder é exercido para conduzir a população. Sobre a noção de governamentalidade, Rose (2011, p. 49) reflete: “[...] se refere à emergência de racionalidades políticas, ou mentalidades de governo, em que o governo passa a ser uma questão de administração calculada das questões de cada um e de todos de maneira a alcançar certos objetivos desejáveis.” Como podemos perceber, trata-se do controle oriundo de determinadas instituições como a política para atingir determinados fins, ou seja, por meio de táticas aplicadas por instituições acontece um governo de si e dos outros.

O processo de subjetivação do sujeito em sites de redes sociais

*Amanheceu tão logo se desfez
Se abriu nos olhos de um celular
Aliviou a tela ao entrar
Tirou de cena toda a timidez
Alimentou as redes de nudez
Fantasiou o brio da rotina
Fez de sua pele sua sina
Se estilhaçou em cacos virtuais
Nas aparências todos tão iguais
Singularidades em ruína*

(Tiago Iorc)

Nessa seção, lançamos um olhar analítico sobre duas materialidades que discursivizam a relação do sujeito com as RS, buscando perceber como o sujeito se subjetiva diante das condições de possibilidade das mídias digitais. Dessa forma, tomamos inicialmente para análise uma capa da revista Mundo Estranho:

Figura 5: Capa da revista Mundo Estranho



Fonte: MUNDO ESTRANHO, edição nº 199, 2017

Observamos no enunciado verbo-visual um sujeito ao fazer uma *selfie*, aparentemente em uma situação planejada para que o resultado final da foto saia de acordo com os padrões que normalmente são compartilhados nas RS. Dessa forma, o sujeito posiciona-se em frente a uma imagem da Estátua da Liberdade que se encontra colada na parede, esse é um ponto turístico de grande notoriedade que é bastante fotografado e compartilhado nas redes. Além disso, o sujeito

utiliza um secador para que o vento bata no seu rosto e dê a impressão de que ele realmente está no local. Noutras palavras, a capa da revista *Mundo Estranho*, por meio de um discurso bem humorado, busca reproduzir os modos de subjetivação dos sujeitos ao se exporem *on-line*. Nesse sentido, compreendemos que as fotos que circulam nas RS nem sempre condizem com a realidade, sendo em alguns casos situações montadas para vender a ideia de uma vida boa e feliz, no entanto, ao reproduzir uma situação totalmente planejada, a materialidade anteriormente disposta chama a atenção para o lado *fake* do conteúdo disponível nas RS.

Percebemos que existe uma ordem discursiva nas RS, que preconiza uma vida feliz, mesmo que esses momentos não sejam tão verdadeiros assim, em outras palavras, o que vai ter mais visibilidade são situações descontraídas. Assim, de acordo com essa ordem, o sujeito passa a produzir a sua subjetividade, conforme o que o meio em que ele está interagindo pede, exige. Logo, a RS exerce um determinado governo dos outros, pois o sujeito vai querer compartilhar aquilo que vai ser de interesse dos usuários que ali estão. Dessa forma, passa a fazer fotos aparentemente felizes e em lugares que chamem a atenção dos amigos e seguidores, correspondendo aquilo que é exigido no ambiente virtual. Ao fazer isso, o sujeito vai realizando um processo de subjetivação, desempenhando, assim, um governo de si, ao passar a agir de uma forma que condiz com esse meio digital, com o que as RS conclamam e incitam.

Há um governo dos outros nas RS que faz com que os sujeitos busquem cada vez mais por popularidade *on-line*, ou seja, o sujeito vai constituindo por meio de práticas de si a sua subjetividade no virtual. Constatamos essa busca por evidência a todo custo também na parte verbal do enunciado quando a voz que fala aponta: “Se essa foto flopar, eu compro os likes!”, o que nos permite observar que as interações nas RS acontecem em uma incessante busca por popularidade, portanto, se uma postagem não atingir o nível de popularidade esperado, o sujeito utiliza de outros artifícios para que obtenha um número expressivo de *likes*. A posição de sujeito diz ainda: “No insta eu já uso bot para fazer comentário!” Bot é uma ferramenta utilizada para aumentar o número de seguidores, de *likes* e também comentar as fotos do usuário. Assim, ao se manipular os números, cria-se a aparência de um sujeito popular na *internet*. A partir de uma evidência *fake*, o sujeito possivelmente sente-se bem ao corresponder às exigências que perpassam a *internet*. Por outro lado, a partir dessa aparente popularidade, outros usuários possivelmente irão se interessar pelo perfil de determinados sujeitos que criou uma popularidade *fake*, o enunciado ainda pontua: “E tem mais um monte de truque sujo que você nem imagina...”, podemos observar que a ordem discursiva das RS é a visibilidade, daí o usuário na maioria das vezes lança mão de uma série de artifícios para ser visto e, conseqüentemente, popular nas redes.

Sendo assim, o enunciado deixa ver o lado *fake* das redes, tanto quando mostra as fotos que são planejadas para que surte determinado efeito no ambiente *on-line*, quanto quando mostra que o nível de popularidade pode ser também manipulado. No entanto, essa materialidade traz à luz um controle que as RS exercem sobre os sujeitos, pois se criam medidores de popularidade, que são: as curtidas, os *likes*, os comentários, os *follows* e *unfollows*, partindo disso é despertado o desejo pela visibilidade nos usuários, assim ao desejar ser popular o sujeito passa a produzir a sua subjetividade ao corresponder a um determinado padrão (que é determinado por influenciadores

digitais e famosos), ou seja, quem é popular no virtual passa a servir de modelo para quem quer atingir mais visibilidade, dessa forma, padrões passam a ser impostos, sendo compartilhados majoritariamente momentos felizes e descontraídos em pontos turísticos, conforme observamos na materialidade anteriormente exposta, sendo esses artifícios estratégias para alcançar evidência no virtual.

O governo dos outros possibilita que o sujeito retorne a si mesmo, desempenhando práticas sobre si. Ou seja, um cuidado de si, uma condução de sua conduta que proporciona um maior conhecimento de si. No caso explicitado anteriormente, que é a relação do sujeito com a *internet*, essa condução das práticas desempenhadas *on-line* acontece por meio de um governo dos outros, quando micropoderes que se encontram pulverizados nas RS, conduzindo os usuários a agir de determinada forma. Acontece também por meio de um governo de si, sendo este um interesse que recai sobre sua própria existência, esse retorno a si mesmo é basilar ao tratar sobre a noção de ética desenvolvida nos escritos foucaultianos. Sobre a ética, Rose (2011, p. 50) esclarece que: “[...] refere-se ao domínio dos conselhos práticos específicos sobre como cada um deve se preocupar consigo mesmo, fazer de si mesmo um objeto de solicitude e atenção, conduzir a si mesmo nos diversos aspectos de sua existência cotidiana.” Dessa forma, a questão da ética não está relacionada a moral dos sujeitos, o que é certo e errado fazer, mas sim com a relação do sujeito com a sua própria verdade, a ética refere-se ao conhecimento e o cuidado de si, sendo assim é por meio de práticas de si que o sujeito produz a sua subjetividade.

Outra materialidade que deixa a ver modos de subjetivação do sujeito nas RS é o documentário *What's on your mind?* Trata-se de um enunciado que discursiviza sobre a busca por visibilidade no ambiente virtual. Isso acontece em RS como o instagram e facebook, em que muitos dos sujeitos contemporâneos passam a expor a vida por meio de compartilhamentos de fotos, vídeos, transmissões ao vivo. Nesse sentido, o vídeo aqui em análise discursiviza sobre as interações que acontecem *on-line*. Assim, no documentário aparece um sujeito olhando o conteúdo disponibilizado por seus amigos/seguidores nas RS.

Ao percorrer suas RS, o sujeito se depara com postagens que mostram uma realidade muito diferente da sua, são momentos de descontração, e compartilhamento de paisagens paradisíacas, acompanhados de frases como: “O fantástico Pacífico!”, “muito sol hoje...#hahahaha”. Com isso, o sujeito passa a comparar sua vida com a dos usuários que estão no virtual. Dessa forma, ao ver uma postagem de um prato de comida, o sujeito automaticamente olha para a comida que está ao seu lado com um semblante de insatisfação, ao ver uma postagem de um casal feliz, o sujeito olha para sua esposa, com um olhar de descontentamento, como que desaprovasse a sua vida. Nesse ínterim, o sujeito passa a compartilhar informações e fotos de sua vida, desenvolvendo práticas de si ao buscar se adequar a ordem discursiva das RS.

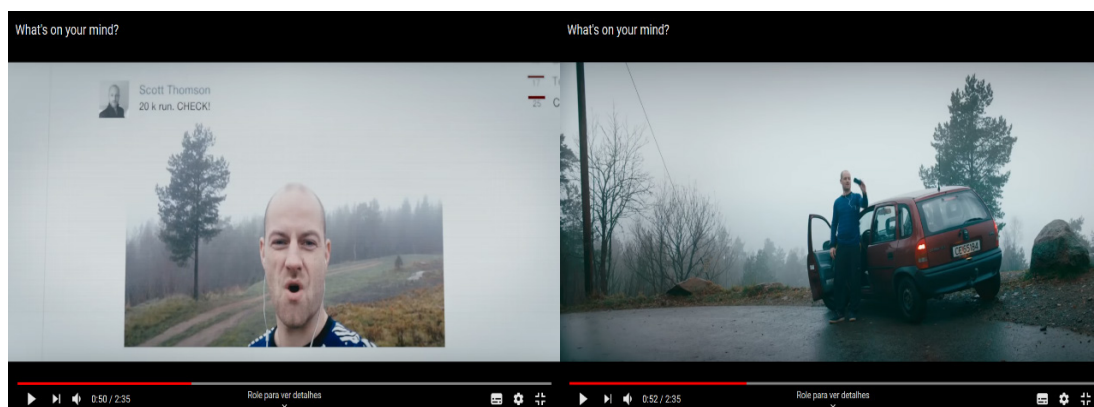
Desse modo, ao ver a clássica pergunta que algumas das RS fazem: “Em que você está pensando?” O sujeito responde: “Sushi com a minha namorada hoje à noite!!!”, observamos que o sujeito passa a postar informações falsas, ao dizer que está comendo Sushi com sua namorada, enquanto na verdade encontra-se em casa em frente ao computador em um dia comum. Sendo assim, compreendemos que o sujeito assume um posicionamento discursivo para ser popular

nesse ambiente virtual, ou seja, ao perceber que nas RS é predominante um discurso da felicidade, o usuário torna-se sujeito desse discurso. Com isso, entendemos que, os saberes e poderes atuam sobre os sujeitos no virtual por meio de uma governamentalidade, os fazendo desenvolver práticas de si para se adequar ao que é bem visto, o que vai obter mais visibilidade.

É flagrante que as RS desempenham um governo dos outros, ao influenciar comportamentos *on-line*, regulando como as interações devem acontecer. Assim, de acordo com essa governamentalidade, o sujeito passa a produzir sua subjetividade ao compartilhar informações de sua vida privada na *internet*. O sujeito passa a postar sobre como foi sua apresentação no trabalho, posta também foto da caminhada acompanhada de uma frase a qual indica que o sujeito está cumprindo alguma meta “Corrida de 20km. FEITO!”. No entanto, são informações que não condizem exatamente com o que o sujeito está vivendo, conforme podemos observar abaixo:

Imagem 1 – Foto postada na *internet*

Imagem 2 – Momento que a foto foi feita



Fonte: YOUTUB, 2014, sem paginação

Na imagem 1, temos uma postagem feita nas RS, em que o sujeito aparece em uma foto com uma fisionomia de cansado, utilizando fone de ouvido, em uma estrada (como se tivesse interrompido o exercício físico que estava executando só para fazer a *selfie*), a foto vem acompanhada da mensagem “Corrida de 20km. FEITO!”. Sendo assim, de acordo com os efeitos de sentido da postagem, podemos observar que trata-se de um sujeito que gosta de se exercitar que leva uma vida saudável e ativa. No entanto, ao ver o momento que foi tirada a foto na imagem 2, percebemos que é uma situação planejada somente para a captura da foto, pois o sujeito aparece com o celular na posição de *selfie*, fazendo a foto ao lado de um carro com a porta aberta e os faróis acessos (essas que são características de um carro recentemente estacionado). Além disso, ao fazer a foto o sujeito faz propositalmente uma fisionomia de cansado, e logo depois entra no veículo e fecha a porta. Dessa forma, de acordo com os efeitos de sentido da imagem 2 identificamos que as informações da postagem, que aparece na imagem 1, são *fakes*.

Nessa lógica, ao analisar os efeitos de sentido dos dois momentos do vídeo, aqui representados na imagem 1 e imagem 2, percebemos que a foto foi planejada para passar uma ideia de um sujeito que estava fazendo atividades físicas, o que não condiz com a realidade do momento

que o sujeito estava vivendo. Com isso, compreendemos que o sujeito passa a desempenhar um governo de si ao produzir uma subjetividade na *internet* conforme ao que a ordem discursiva das RS incita que se faça. Sendo assim, ao discursivizar uma vida perfeita nas RS, o sujeito passa a ser cada vez mais popular, alcançando mais visibilidade. Isso é confirmado, pois o número de *likes* nas postagens passa a subir (inicialmente sua postagem obtém apenas um *like*, porém ao passo que as postagens do sujeito passam a discursivizar uma vida perfeita, os números de *likes* sobem expressivamente). Diante disso, compreendemos que as RS se utilizam de artifícios como os *likes* para conduzir os sujeitos a querer ser popular, a querer uma audiência para suas postagens que aprove seu conteúdo. Assim, o sujeito desenvolve práticas de si ao se tornar sujeito de um discurso da felicidade, para, com isso, alcançar mais visibilidade no virtual.

Percebemos que para discursivizar uma vida perfeita na *internet*, o sujeito posta um conteúdo *fake*, ou uma parte melhorada da realidade. Isso é uma prática que pode ser vista em várias postagens, como no momento em que o sujeito descobriu que estava sendo traído e posta: “finalmente solteiro!!!”, logo depois publica: “vamos para noite??”, posteriormente o sujeito aparece aparentemente sofrendo, bebendo dentro do carro, mas o que o sujeito posta na *internet* é uma foto com o litro de bebida na mão sorridente como se estivesse realmente curtindo o momento. Desse modo, compreendemos que os efeitos de sentido das postagens feitas passam a ideia de que o sujeito está vivendo um momento positivo. Pois o sujeito trata da separação como algo bom, como se desejasse que isso acontecesse, ao utilizar o vocábulo “finalmente”. Além disso, o questionamento feito em seguida passa uma ideia de uma pessoa que está a fim de se divertir, bem como a imagem que é compartilhada mostrando um momento aparentemente feliz e descontraído. No entanto, o documentário mostra que a vida desse sujeito não é como aparece nas RS, visto que no mesmo momento que o sujeito posta momentos felizes, aparece no documentário triste e passando por um momento difícil.

Destarte, as situações apresentadas no documentário atestam que existe nas RS uma discursivização de vidas perfeitas, um discurso da felicidade que nem sempre corresponde com o real momento que determinado sujeito está passando. Desse modo, compreendemos que o sujeito mostra na *internet* informações *fake* da sua vida, desenvolvendo práticas de si para se tornar sujeito de um discurso da felicidade, produzindo, assim, sua subjetividade no virtual conforme o que as relações de poder conclamam. Isto é, práticas de uma governamentalidade atuam no ambiente virtual para que seja desenvolvido modos de subjetivação que vá ao encontro do que é normalizado no espaço virtual. Com isso, identificamos que ao se subjetivar de determinada forma, o sujeito passa a ser aceito e reconhecido pelos demais usuários, dessa forma, o sujeito entra em um padrão de normalidade nas RS.

O documentário apresenta que a vida do sujeito fora da rede virtual passa a sofrer alguns danos, como o fim do casamento, a saída do emprego, e mesmo que esteja triste, o sujeito continua passando a impressão de uma vida feliz nas RS. Porém, ao ver uma foto da sua ex-esposa feliz com o seu atual marido, o sujeito passa a lidar com o sentimento de perda, e torna-se sujeito de outro discurso ao compartilhar na sua RS que sua vida não presta, ao passo que oculta todas suas postagens.

Portanto, Ao assumir outro posicionamento discursivo, o sujeito deixa de fazer parte do padrão de normalidade das RS. Destarte, percebemos nesse enunciado alguns efeitos que as interações virtuais causam na vida do sujeito: ao se deparar com realidades perfeitas no virtual, o sujeito passa a desaproveitar sua própria vida, posteriormente ao se encaixar em um determinado padrão de compartilhamentos, o sujeito desfruta sensações positivas ao receber *likes*, até a sensação de perda e desestruturação da vida fora da rede virtual.

Conclusão

*Entrou no escuro de sua palidez
Estilhaçou seu corpo celular
Saiu de cena pra se aliviar
Vestiu o drama uma última vez
Se liquidou em sua liquidez
Viralizou no cio da ruína
Ela era só uma menina
Ninguém notou a sua depressão
Seguiu o bando a deslizar a mão
Para assegurar uma curtida*

(Tiago Iorc)

A canção do Tiago Iorc que acompanha todo artigo, encabeçando as seções, delinea algumas questões sobre a imersão do sujeito nas RS, trazendo à luz atitudes desempenhadas por uma menina, bem como as consequências de tais atitudes. São discursivizadas questões como, a transformação que o sujeito se submete para entrar no virtual, dramatizando, assim, sua própria vida, ou seja, a exposição da vida no virtual muitas vezes vem com pinceladas de ficção, que encobre determinados acontecimentos, ao passo que dá cor e luminosidade a outros. Dessa forma, o sujeito é alçado a algo divino, isso nos faz refletir sobre a forma que o sujeito aparece na *internet*, coberto pelos mais variados filtros e efeitos que estão disponíveis nos aplicativos, apresentando uma felicidade incansável, essa discursivização de vidas perfeitas que acontece na *internet* não possui valor de verdade na vida terrena, assim, o sujeito é comparado com algo divino. Com isso, ao produzir uma subjetividade para satisfazer seu público e não a si mesmo, o sujeito passa por uma desilusão, ficando depressiva. Todos esses modos de subjetivar-se buscam atingir uma simples curtida, que ecoa como aplausos de uma plateia fervorosa.

Assim sendo, a menina da canção assume o mesmo posicionamento discursivo dos enunciados aqui analisados, o que nos leva aos nossos resultados. Na capa da revista Mundo Estranho, percebemos que há um governo nas RS, que recai sobre os corpos dos sujeitos que interagem virtualmente, é um poder que conduz as práticas dos sujeitos para que entrem em um padrão de compartilhamentos. A partir disso, o sujeito passa a desempenhar um governo de si, se subjetivando conforme o que vai ganhar mais popularidade nas RS, postando um momento descontraído em uma viagem, isto é, passa a ser sujeito do discurso da felicidade que circula nas RS. Contudo, o enunciado analisado discursiviza uma produção de si mesmo que não possui um valor de verdade

fora da realidade virtual, pois é uma situação montada, são momentos de uma viagem que não aconteceu. O mesmo acontece com a popularidade do sujeito, que pode ser manipulada por meio de uma audiência robotizada, ou seja, é uma popularidade criada pela própria máquina e não por um público que goste do seu conteúdo. Com isso, compreendemos que esse posicionamento discursivo é assumido, pois o interesse de boa parte dos sujeitos que estão nas RS é por esse tipo de conteúdo. Dessa forma, o sujeito passa a se subjetivar de uma forma que corresponda aos anseios do grande público, produzindo um discurso de uma felicidade *fake*.

Por meio do documentário *What's on your mind?* Atestamos também um governo dos outros, ao observar que o sujeito passa a usar como parâmetro as postagens que vê nas RS. Em outras palavras, ao se deparar com o discurso da felicidade no virtual, o sujeito é conduzido a se tornar sujeito desse discurso, passando, assim, a compartilhar momentos descontraídos, mostrando uma vida ativa e saudável, além de exibir uma vida profissional e amorosa bem sucedida. Dessa forma, identificamos que para se tornar sujeito desse discurso, o sujeito compartilha momentos *fakes*, ou uma versão melhorada da realidade. A partir dessas práticas de si, o sujeito produz uma subjetividade no virtual para atingir uma audiência para a sua própria vida. No entanto, ao sofrer determinadas perdas na sua vida fora do virtual, o sujeito muda seu posicionamento, discursivizando que possui uma vida ruim. Assim, ao mudar seu discurso, o sujeito deixa de pertencer ao padrão de normalidade que circula nas RS.

Com isso, compreendemos que as RS exercem um governo sobre os sujeitos, pois por meio de toda essa produção discursiva de vidas perfeitas, atuam poderes que regulam o que deve ser dito nesse ambiente, assim, se na ordem discursiva que predomina nas RS o que vai ter mais popularidade é determinado discurso, os sujeitos são levados a (re)produzir determinadas condutas com o objetivo de ser popular na *internet*. Nesse sentido, identificamos que há uma governamentalidade nas RS que atua ao despertar no sujeito o desejo de possuir um público para a sua própria existência, dessa forma, essa técnica de governo lança mão de artifícios que medem a popularidade nas RS, que acontece por meio dos *follows*, *likes* e comentários. Assim, o sujeito é conduzido a buscar um *feedback* positivo nas mídias digitais, para isso, passa a colocar a sua vida em evidência, acompanhando um padrão de compartilhamentos, ou seja, as postagens são feitas de acordo com o que vai ter mais repercussão na *internet*, são conteúdos que vai ao encontro do interesse de sua audiência virtual.

Destarte, existe um governo dos outros que atua fazendo o sujeito falar de si, exibir a sua vida no virtual, bem como, gerindo as ações do sujeito, para que ele se subjetive de determinada forma e não de outra. Partindo disso, o sujeito passa a desenvolver práticas de si, produzindo a sua subjetividade. Portanto, é por meio desse discurso da felicidade que o sujeito se constitui nas RS, assim existe uma produção de si mesmo que coloca o sujeito no lugar do vencedor, do bem sucedido. Essa produção discursiva caminha entre a exibição de momentos *fakes* e uma parte melhorada, editada e manipulada da realidade.

Referências

- ESTRANHO, Mundo. 2017. **O lado fake das redes sociais**. Disponível em: <https://super.abril.com.br/superarquivo/199-2/>. Acesso em: 02 fev. 2018.
- FONSECA-SILVA, Maria da Conceição. **Poder-saber-ética nos discursos do cuidado de si e da sexualidade**. Vitória da conquista: Edições Uesb, 2007.
- FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2006a.
- FOUCAULT, Michel. **O sujeito e o poder**. In: DREYFUS, H. L.; RABINOW, P. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009a, p. 231-250.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade III: o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2009c.
- FOUCAULT, Michel. **A governamentalidade**. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e terra, 2017c, p. 407-431.
- LEMONS, André; LÉVY, Pierre. **O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária**. São Paulo: Paulus, 2010.
- PRADO FILHO, Kleber. Estetização da subjetividade: formas contemporâneas de cuidado e produção de si mesmo. **Cadernos Discursivos**. Catalão-GO, Edição Especial, v. 2 n 1, p.92-103, 2018.
- ROSE, Nikolas. **Inventando nossos selfs: psicologia, poder e subjetividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- SANTOS, Emanuella; NICOLAU, Marcos. Web do futuro: a cibercultura e os caminhos trilhados rumo a uma Web semântica ou Web 3.0. **Revista Temática** (UFPB). João Pessoa v.8, n.10, p. 1-14, 2012.
- SIBILIA, Paula. **Em busca da aura perdida: espetacularizar a intimidade para ser alguém**. In: ANTOUN, Henrique. *Web 2.0: participação e vigilância na era da comunicação distribuída*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008, p. 241-260.
- YOUTUB. 2014. **What's on your mind?** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QxVZYiJKl1Y>. Acesso em: 25 fev. 2018.